

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
BALTAZAR JOSÉ FILHO**

**AÇÃO CULTURAL:
ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE CULTURAL NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

**FORMIGA - MG
2009**

BALTAZAR JOSÉ FILHO

**AÇÃO CULTURAL:
ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE CULTURAL NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação Geral de Graduação do UNIFOR- MG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria de Fátima Lopes Mendonça

FORMIGA - MG

2009

J 831 a

José Filho, Baltazar

Ação cultural: atuação do bibliotecário como agente cultural na sociedade contemporânea – Formiga - MG / Baltazar José Filho. – 2009.

36 f.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria de Fátima Lopes Mendonça

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) Centro Universitário de Formiga – UNIFOR-MG, Formiga, 2009.

1. Cultura. 2. Ação cultural. 3. Bibliotecário. 4. Agente cultural. I. Título.

BALTAZAR JOSÉ FILHO

**AÇÃO CULTURAL: ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE CULTURAL
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação Geral de Graduação do
UNIFOR- MG, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria de Fátima Lopes
Mendonça

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. MS. MARIA DE FÁTIMA LOPES MENDONÇA
ORIENTADOR

PROF. MS. THIAGO NICODEMOS ENES DOS SANTOS
UNIFOR-MG

Formiga, 18 de Novembro de 2009

Aos meus pais, José Antonio e Maria Aparecida sempre presentes, pela vida que me concederam e os ensinamentos de caráter e honestidade. A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus honra louvor e gratidão pela sua bondade e misericórdia, ao Senhor Jesus Cristo pela entrega em meu lugar, garantindo assim a salvação, ao Espírito Santo fonte de luz e sabedoria dos humildes, à Santíssima Virgem Maria que desde a minha infância me acolheu e me amparou. Em especial à minha querida irmã Ana Ambrosina Ferreira Faria pela paciência ajuda e compreensão amor e carinho (te amo). A todos que colaboraram financeiramente nestes quatro anos, Ana Braga, Lenir, Geraldo Beijo, Raquel, Iraci, Luzia, Rosana, Joice, Elaine. Aos que me adotaram como filho e irmão Antonio Carlos, Sandra, Antonio Carlos Castro Filho, André, João Paulo, Dona Conceição . Um agradecimento especial à Maria Trindade (Dadinha) e à Escola de Evangelização Santo André, pelo apoio e carinho. Ao senhor Aluísio Veloso, sua esposa Zélia Veloso e à Prefeitura Municipal de Formiga. Aos que foram meus chefes, Jaderson Teixeira, José Ivo, Luis Carlos. Aos meus professores que contribuíram para minha formação humana e intelectual, desde o ensino fundamental até ao ensino superior, em especial à professora e mestra Maria de Fátima Lopes Mendonça pela essencial ajuda na conclusão deste trabalho. Uma reverência ao meu amigo-irmão Nelson Marcos Ferreira pelo apoio, incentivo e cobrança, valeu amigo só assim eu não desisti. Agradeço a todos que me concederam a oportunidade de realizar meus estágios. Aos irmãos da RCC (Renovação Carismática Católica) da diocese de Luz, em especial os das paróquias de Formiga. Enfim por todos que fizeram e fazem parte de minha história até aqui.

RESUMO

Pesquisa bibliográfica realizada enfocando o tema ação cultural com ênfase no bibliotecário como agente cultural. Verifica que este profissional é um mediador entre o objeto de estudo ação cultural, inserido no contexto da cultura de um povo e os indivíduos em geral. Visa apresentar este profissional como alguém que realiza esse processo por meio de projetos, manifestações culturais, atividades que integram a sociedade, bem como refletem a sua maneira de ser, pensar e se expressar. Analisa assim o papel preponderante que este profissional exerce em meio à sociedade contemporânea. Sua função vai além da promoção de eventos isolados. Demonstra que ele age como um ativador de consciências, tornando-as mais críticas e desalienadas. Encontrar uma sociedade carente de espaços e manifestações culturais o que é muito comum atualmente será também essencial, para que o bibliotecário como agente cultural, possa desenvolver seu trabalho e colabore para o crescimento intelectual e cultural da sociedade. Busca a transformação interior da consciência cultural, a partir de atividades próprias dos indivíduos. Agirá como um fomentador da criação livre sem a manipulação feita pelos meios de comunicação ou a ação cultural elitizada. Agirá de maneira a ajudar com que se desenvolva mentes críticas e criadoras de novos métodos e maneiras de se expressar a ação cultural libertadora. Conclui-se que ele será um elo entre os produtores culturais e os meios de produção cultural.

Palavras-chave: Cultura. Ação cultural. Bibliotecário. Agente cultural.

ABSTRACT

Bibliographical research realized focalizing the subject of cultural action, emphasizing the librarian like a cultural agent. Verifys that this professional is a mediator between the object of study from cultural action, inserted in the context of people's culture and the individuals in general. Aims present this professional like someone that realizes this process utilizing projects, cultural manifestations, activities which integrate the society, as well as reflect how this professional is like person and what he thinks or express himself. Analyzes the preponderate role that this professional exerts in the contemporary society. His function is more than the promotion of isolated events. Demonstrates that he reacts like someone who activates consciences, turn them more critical and without alienations. Finds one society which is deprived of spaces and cultural manifestations, and this will be essential to the librarian, because like a cultural agent he can develop his work and collaborate to the cultural and intellectual growth of society. Seeks the internal transformation from cultural conscience through the individual's activities. He will act like a fomenter of free creation without the handling made by meas of communications or the elitist cultural action. He will act, to develop critical minds which can create new methods and manners that enable one liberated cultural action. Concludes that he will be the connection between the cultural producers and the means of cultural output.

Keywords: Culture. Cultural action. Librarian. Cultural agent.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CULTURA	12
3	AÇÃO CULTURAL	19
4	O AGENTE CULTURAL	24
4.1	Características do Agente Cultural	28
4.2	O Agente Cultural Bibliotecário e sua Função	29
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	34
	BIBLIOGRAFIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de mostrar a importância do profissional bibliotecário como elo entre a ação cultural e os indivíduos que a produzem; demonstrar que a ação cultural vai além dos muros, das grades, das paredes e dos espaços dos teatros, bibliotecas, casas de cultura, cinemas; explicitar que a ação cultural tem o poder de fazer com que os indivíduos saiam da inércia e não sejam apenas consumidores da ação cultural, mas seus próprios agentes e conseqüentemente transformadores de si mesmos e da sociedade na qual estão inseridos. Pretende ser um suporte para que as futuras gerações tenham subsídio para desenvolverem seus projetos e trabalhos dentro da área biblioteconômica, enfocando o tema ação cultural.

A ação cultural espera ativar três esferas da vida do indivíduo ou do grupo [...] a imaginação, a ação e a reflexão [...] estas três são esferas específicas da ação cultural, são os universos da arte na qual a ação cultural se enxerta para tomar carona invisível com aquela mesma na qual se transformará. A ação cultural é uma lagarta: sua visão só é tolerada quando possível antecipar a imagem transfigurada e multicolorida que dela vai surgir. Mas, cuidado: se o trabalho de auto-parteira demorar muito, vem a vontade incontrolável de esmagar aquele bicho repelente, com tudo que possa abrigar de promissor em seu corpo mutante. (COELHO NETO, 1989, p. 94).¹

Recorrerá a autores e obras que tenham feito abordagem teórica relevante sobre o assunto. Dar-se-á especial preferência aos autores e obras que atuaram no período dos anos 80 em diante, pois, ao que tudo indica, parece ser a partir desta época que começaram a tomar vulto os escritos nesta área de atuação do profissional bibliotecário.

Com base nos estudos feitos sobre o tema em questão, ação cultural com ênfase à atuação do bibliotecário como agente cultural na sociedade contemporânea, destacou-se um problema de pesquisa que gira em torno do seguinte questionamento: a atuação do profissional bibliotecário como agente cultural é fator de transformação da sociedade na qual ele está inserido?

¹ COELHO NETO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94 p. (Coleção Primeiros Passos, v. 216).

Parte-se da hipótese de que a sociedade contemporânea não pode prescindir da atuação do profissional bibliotecário como agente cultural. Este, por sua vez, se torna uma espécie de elo entre a sociedade e os meios de produção cultural, sendo também um agente transformador do meio, visto que ajudará os indivíduos a desenvolverem uma mente crítica diante das mazelas culturais. Terá também a função de preparar os espaços para que a criatividade dos indivíduos envolvidos no processo de ação cultural flua livremente e que os sujeitos não sejam aprisionados pelas políticas culturais elitizadas.

Deve-se ressaltar que o trabalho do profissional bibliotecário vai além das bibliotecas, podendo atuar como agente cultural, promovendo a transformação da realidade de uma comunidade carente de espaços de interação e possibilitando o acesso a ações que possibilitem uma melhor qualidade de vida. Assim, o trabalho que se pretende realizar colocará em evidência obras e autores que abordam a atuação de profissionais bibliotecários como agentes culturais.

No entanto, para que se possa entender o papel do bibliotecário como agente cultural será necessário conhecer brevemente o conceito de cultura. Também explicitar, não de forma abrangente, o que venha a ser ação cultural e assim será possível mostrar quais os desafios a serem enfrentados por este profissional.

O método de pesquisa utilizado será o de pesquisa bibliográfica e o tipo de pesquisa será o de revisão de literatura.

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa. (GIL, 2009, p. 59).²

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiro capítulo introdução, segundo capítulo trará um explanação sobre cultura com algumas definições, o terceiro capítulo discorrerá sobre a ação cultural, o quarto capítulo tratará sobre o agente cultural bibliotecário e terá subdivisões onde estará enfocando suas características, sua função enquanto mediador da ação cultural e os produtores desta.

² GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 5, p. 59-86.

O que se espera com este trabalho é que ele seja um objeto de pesquisa para outros estudantes de Biblioteconomia ou mesmo profissionais ligados à área de eventos culturais e desta maneira empenhou-se em realizá-lo com afinco.

2 CULTURA

Santaela (2004) descreve sobre o que é cultura por meio de metáforas. Uma delas é comparar a cultura à vida, pois ambas tendem a crescer, desenvolver-se e proliferar. Isso quer dizer que a cultura nasce e vai ampliando seus horizontes, ela vai se espalhando e criando raízes, de forma a se tornar perene. Para isso, as práticas culturais se tornam uma tradição e estão presentes no modo de vida das pessoas, se manifestando por meio de crenças e costumes.³

A autora referencia ainda quatro princípios que governam a vida: a expansão, uma vez que a vida se prolifera e se difunde; a adaptação, já que ela tem que se adequar às exigências do espaço onde está disponível; o desenvolvimento, pois a vida abrange níveis de complexidade cada vez maiores e o fato de que, quanto mais complexo o nível de sua organização mais rapidamente ela cresce. Isso pode ser exemplificado pelo que chamamos de sociedade em redes e aldeia global.

A outra metáfora é a da mistura, na qual se afirma que a cultura é a morada do espírito, ou seja, sua casa, pois é produto do espírito humano. Ela se manifesta de forma plural e é fundamental para compreender a sociedade atual. Desta forma, existe a mistura dos vários espíritos, o que nos leva a entender que, por onde passamos deixamos rastros que são produtos do espírito. Para entender melhor essa definição, é estabelecida uma relação entre a teoria e a prática, pois não se pode falar de uma manifestação cultural sem vivenciá-la (praticá-la) e sem conhecer seu lado teórico, isto é, sua história e seus fundamentos.

Segundo Santaela (2004), existem três definições para o termo cultura. Na concepção humanista é aquela seletiva e etnocêntrica, pois ela seleciona entre as produções humanas aquelas que considera manifestações culturais, universalmente aceitas por um grupo seletivo de pessoas. Ela também é restritiva, porque restringe os produtos e os grupos que têm acesso a eles. Neste caso, atribui-se a cultura ao caráter universal da produção. Um exemplo disso é o cristianismo. Ele é aceito na maior parte dos países do mundo e é a religião que tem mais adeptos, portanto, a mais aceita.

³ SANTAELA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

Outro tipo de definição para a cultura é a concepção antropológica, esta não seletiva, relativista e plural. Nela, todos os elementos têm valor. Parte do pressuposto de que todos os modos de vida humana também têm valores, mas tem que participar destes modos. Não adianta entender o valor de determinado bem cultural se a pessoa não participar ativamente dele. Esta é uma recente forma de se definir a cultura e acreditar que cada qual tem seu valor. Assim, por exemplo, a música, o teatro, a arte, a dança, uma religião têm a sua importância em particular e reconhecimento dentro da esfera cultural, nenhum desses elementos seria relegado a um segundo plano, nem mesmo desvalorizado.

Entre a concepção humanística e antropológica existe a intermediária, esta cria uma classificação e define públicos, pois a indústria cultural trabalha com públicos específicos. Ela reconhece que são valores culturais, mas estratifica as produções, distingue bem o que é considerado alta cultura, baixa cultura e cultura de massas.

A cultura é passada de geração para geração tanto de forma oral quanto de forma escrita. Ela se relaciona às ações, idéias e artefatos que os indivíduos aprendem numa dada tradição. Existem alguns elementos mínimos ou unidades de costume que podem ser isolados no comportamento, esses são chamados traços de cultura e, quando associados em grupos de elementos, são chamados de traços complexos. Cada localidade tem seus costumes, suas crenças, suas ferramentas, técnicas, artes, religião e aquilo se torna um hábito social naquela região.

A cultura é mais do que um fenômeno biológico, ela faz parte do ambiente que é feito pelo homem. Não se pode imaginar a vida sem a cultura e nem a cultura sem a vida. Ambas se completam.

A palavra cultura vem do latim e significa cultivar o solo, cuidar, conceito desenvolvido inicialmente pelo antropólogo Edward Burnett Tylor para designar o todo complexo e metabiológico criado pelo homem. Trata-se de práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço, como crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais e outros itens que permeiam e identificam uma sociedade. (LARAIA, 2006, p. 30).⁴

Porém, a cultura tende a ser “padronizada”, pois ela se repete sem grandes alterações e, quando modificada, ela sofre certa resistência. De forma geral,

⁴ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

as mudanças são necessárias, caso contrário, a cultura se estagnaria. Dentro de uma determinada cultura podem existir diversos sistemas culturais ou subculturas. Muitas vezes, ocorre até mesmo um choque entre duas culturas, o que é visto como processo de aculturação. Deve-se considerar que a cultura está relativamente ligada à semiótica, pois é marcada por símbolos e signos que permitem sua identificação. A semiótica seria uma ciência da cultura, segundo alguns semioticistas, pois é a ciência universal dos signos e símbolos.

As constantes transformações são permitidas por dois mecanismos básicos: a invenção ou introdução de novos conceitos e a difusão de conceitos a partir de outras culturas. Há também a descoberta, que é um tipo de mudança cultural originado pela revelação de algo desconhecido pela própria sociedade e que ela decide adotar. Os indivíduos tendem a querer enraizar seus costumes e crenças e não gostam de ver sua cultura sendo modificada, acreditando que o que aprenderam deve ser mantido e passado adiante. Desta maneira, a resistência à mudança representa uma vantagem, no sentido de que somente modificações realmente proveitosas, e que sejam por isso inevitáveis, serão adotadas evitando o esforço da sociedade em adotar, e depois rejeitar um novo conceito.

Cada ser humano quer acreditar que seus padrões culturais são os mais racionais e mais ajustados a uma boa vida. Assim, cada comunidade quer que sua cultura seja vista como a melhor e, por isso, as pessoas subestimam as demais culturas. Entretanto, não se deve avaliar, julgar ou criticar outras práticas culturais. O ideal é que aconteça uma interação entre as diversas culturas promovendo assim uma integração e uma complementação. Sendo assim uma barreira que poderia ser criada, a despeito de prejudicar o entendimento e relação com outras culturas, serve justamente para preservar a identidade de uma cultura frente à possível difusão de preceitos de outras culturas.

Não se deve estudar os costumes, as tradições ou as crenças de um povo ou de uma sociedade adotando como ponto de vista a cultura em que estamos inseridos, porque segundo Santos (1986, p. 8), “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam.”⁵ Assim, é preciso que seja considerada a diversidade cultural, com suas

⁵ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

especificidades. A cultura é fundamental para formar a identidade de um país, por isso cada prática, cada manifestação deve ser estudada e valorizada. A cultura é um patrimônio nacional de cada povo sendo esta intransferível.

Segundo Milanesi (1997, p.12, grifo do autor) “cultura é o elemento conferidor de *status* e mesmo os que não a tem pensam assim.”⁶

Cultura raramente faz parte de um projeto de desenvolvimento que se relaciona com outros segmentos da administração pública. É mais um atestado de bom gosto e civilidade, portanto é um elemento externo, algo em que muitas das vezes se põe sobre e não que nasce cresce e se transforma desde dentro, ou seja, não nasce do seio da sociedade, é somente um atavio que afinal não tem muita justificativa. No entanto quem a solicita faz parte do segmento falante, os que se manifestam pelos meios de comunicação, os que formam opinião ou que pelo menos, convencem. (MILANESI, 1997, p. 12).

Tylor (1997 apud Ramos, 2008, p. 41), define “Cultura é o conjunto complexo no qual estão inseridos, conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”⁷

Na literatura vários escritores definem de várias formas cultura, sendo uma delas, do professor de antropologia e ciências sociais José Luiz dos Santos (1994, p. 35):

Cultura pode por um lado referir-se à alta cultura, à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou a falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Consideram-se como cultura todas as maneiras de existência humana.

Nesse sentido relacionando essas definições podemos dizer que a cultura é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou na forma de idéias, instituições, linguagens, instrumentos, serviços, etc. Desta maneira cultura é algo que a pessoa recebe ao nascer.

⁶ MILANESI, Luiz Augusto. **A casa da invenção**: centro de cultura. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

⁷ TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres: John Mursay & Co, 1997.

Segundo Coelho Neto (1989, p. 22) “cultura é o que move o indivíduo, o grupo, para longe da indiferença, da indistinção, é uma construção, que só pode proceder pela diferenciação. Seu oposto é a diluição.”

Recebida então, esta cultura precisará ser trabalhada, melhorada e repensada. Não se pode dizer que tudo é cultura.

Conforme cita Coelho Neto (1989, p. 23):

Criar uma obra de arte, por exemplo, freqüentemente será um ato de cultura. Como tal necessária. Já mostrar uma obra de arte ao contrário do que pretendem acreditar museus e galerias [...] Mostrar obras de arte tem, outra vez, mais a ver com comércio, ou exibicionismo do que com cultura.

Aqueles sujeitos que possuem a própria cultura arraigada em si mesmos não necessitam de exibicionismo, a arte está intimamente ligada à pessoa, coexiste com ela de maneira que é visível aos que possuem a sensibilidade para vê-la. Caso contrário, necessitará vários aparatos e grandes holofotes para torná-la visível a si mesmo e aos demais.

A antropologia entende o conceito de cultura como:

- 1- a criação da lei, que é o que fundamenta a separação entre natureza e cultura;
- 2- a criação da ordem simbólica da linguagem, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do invisível e;
- 3- o conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela modificando-a. (CHAUI, 1996, p. 294-295).⁸

Compreende-se então desta maneira que a cultura de cada povo é essencial para que haja uma ordem e não se crie uma confusão de idéias perdendo-se até mesmo a identidade.

A cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia aos processos de desenvolvimento do meio ambiente e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. (HALL, 1997 *apud* RAMOS, 2008, p. 43).⁹

⁸ CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1996. 440 p.

⁹ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (Org.). **Media and cultural regulation**. Inglaterra, Open University, 1997, cap. 5. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 10 out. 2009.

Não é possível enquadrar todas as culturas em um único esquema que seja rígido e categórico, caso haja essa intenção a possibilidade que se criará é de uma massa de indivíduos generalizada dentro daquilo que chamou Freire (1981, p. 33) de “cultura do silêncio”.¹⁰

A cultura na sua essência é como a ‘magia’ de transformar, de agregar valores e de gerar mudanças que ampliam a consciência das pessoas sobre o ser e o estar no mundo, sendo assim ferramenta fundamental para o avanço da democracia no país. A participação, o incentivo, a criação, a fruição e o acesso aos bens e serviços culturais, nas diversas áreas e linguagens artístico-culturais são essenciais. (LIMA, 2008, p. 66).¹¹

O espaço cultural em uma comunidade levará os indivíduos a exercerem sua criatividade, através de atividades artísticas.

A cultura se produz através da interação social dos indivíduos. No encontro social, os indivíduos elaboram seus modos de pensar e agir, seus valores, suas crenças, constrói sua identidade e reconhecem as diferenças. É nesse processo que a aprendizagem coletiva ocorre, onde os mecanismos de poder e coordenação atuam, onde se torna consciência de direitos e deveres e se formulam estratégias de ação. (MIGUELES, 2008, p. 24).¹²

Desta maneira incorporando suas idéias as idéias do outros homens de outros povos, de outras gerações que não fazem parte do seu convívio do dia a dia, nota-se que, juntando maneira de pensar, agir e até mesmo de viver vai se formando a cultura do homem em suas diversas nuances. Nesta união de diferentes culturas o que se espera é que não se aceite e nem se deixe ser subordinado ou até mesmo coagido a receber por imposição de culturas as quais se desejam ser superiores as outras. Deve-se, portanto receber as influências de outras culturas observando o que virá a ser um acréscimo de qualidade à cultura local. E o que não puder ser modificado, adaptado e incorporado ao cotidiano deve então ser descartado para que não venha a se tornar uma erva daninha em uma árvore boa e frutífera a qual sendo envolvida por esta erva perde sua força e muita das vezes se torna irreconhecível e impossível de saber sua espécie e função para qual existe. Deve-se buscar então em suma, uma cultura libertadora.

Segundo Flusser (1983, p. 153):

¹⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

¹¹ LIMA, Mônica Tavares Pereira. A democratização do acesso à informação cultural por meio da tecnologia. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 23, p. 66, nov. 2008.

¹² MIGUELES, Carmem Pires. Responsabilidade cultural e governança social: desafios para o amadurecimento democrático no Brasil. **Governança Social**, Belo Horizonte, ano 1, n. 3, p. 24-, ago/nov. 2008.

Uma cultura libertadora não consideraria as necessidades culturais como pretexto para alimentar um sistema comercial ou ideológico, mas se engajaria, em primeiro lugar, num processo que visaria dar a cada homem a possibilidade de descobrir suas verdadeiras necessidades – decorrentes de sua cultura-contexto – para num segundo momento, lhe dar as possibilidades de satisfazê-las. Somente assim poderá ser evitada uma cultura elitista, alienada ou reacionária.¹³

É verdade que alguns autores promotores da cultura, não a elitizada, defendem que a cultura deve ser então democratizada assim como a política, tornando-a direito de todos os homens e não sendo manipulada ou se tornando privada de uma minoria. Flusser (1983, p. 154), enfatiza que “a ideologia da democratização cultural tem as suas raízes na idéia da democracia política. Da mesma forma que todos os homens têm direito ao trabalho, à saúde, à educação, ao lazer, todos os homens também têm direito à cultura.”

Mas também podemos notar que é impossível enquadrar a todos de forma generalizada em um conceito de cultura que satisfaça a todos sem levar em consideração os aspectos particulares de cada comunidade, visto que não há uma homogeneidade e sim uma heterogeneidade.

Sendo assim Flusser (1983, p. 154) pronuncia:

A afirmação: todos têm direito à cultura, é a mesma declaração de um direito único à pessoas diferentes, e que assim não é considerado um problema da maior importância, a saber, o da realização concreta do acesso à cultura[...] O mecanismo ideológico relega mais uma vez, a cultura-contexto a um plano secundário e insignificante.

Sendo assim, a cultura de cada povo é de extrema importância para sua própria sobrevivência e permanência no espaço onde ele foi fixado. A cultura deve ser a herança recebida a qual deve ser preservada para as gerações futuras de maneira que não haja uma dominação por outras culturas e o abandono das tradições algumas delas até milenares.

¹³ FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

3 AÇÃO CULTURAL

A ação cultural começou a ser pensada entre os profissionais bibliotecários como um campo de atuação há pouco tempo atrás, no entanto não havia ainda uma clareza do que seria esta ação cultural. Coelho Neto (1989) traz três conceitos para a ação cultural. Fabricação cultural, animação cultural e a própria ação cultural. Sabendo que o agente cultural poderá exercer estes três papéis ou caminhar por estas três vertentes. Ele busca esclarecer cada uma delas, para que não haja um mal entendido, nem com o agente cultural e nem com os indivíduos que pretendam desenvolver ações culturais.

A fabricação cultural dita por Coelho Neto (1989) trata-se de uma ação que não permite interferência dos indivíduos, visto que tem princípio, meio e fim pré-estabelecidos, ou seja, é um projeto pronto e já se sabe o que será no final.

Na ação cultural, o agente, em consonância com os indivíduos que com ele fazem acontecer o processo cultural, lançam os alicerces e se põem a construir as ações culturais que serão de interesse do coletivo promovendo assim a interação de toda comunidade. No entanto, não há final estabelecido, cada um vai chegar a um resultado sem tê-lo planejado, pois vai prevalecer a criatividade de cada um, este processo terá uma coordenação, porém nada será imposto, deixar-se-á livre a criação e os resultados serão o inesperado.

Outro conceito é o de animação cultural. Este parece ser o mais usado em nossas sociedades contemporâneas. Nesse processo, há uma alienação geral, os indivíduos são levados a participarem de shows, espetáculos públicos de todos os gêneros, festas, etc. Porém, não tem nenhum fundamento, a intenção é somente a de divertir a população sem levá-la a tomar uma consciência crítica da realidade que as envolve.

Na ação cultural os indivíduos são os protagonistas de sua própria criação, sendo neste caso o terreno preparado pelo agente cultural e dar-se-á condições para a criatividade de cada um.

Sabe-se que a ação cultural é estimulante para os profissionais bibliotecários, porém, há uma escassa literatura nessa área. Não é uma prática habitual em bibliotecas públicas e escolares, sendo assim, há poucos registros de experiências e publicações em periódicos científicos. Diante desse contexto, é necessário que os profissionais busquem meios

para a inclusão dessas atividades no âmbito de uma comunidade local. Espera-se, por meio dessa pesquisa sobre ações culturais, contribuir para o enriquecimento de registros e publicações que poderão agregar valores nessa área. A ação cultural bibliotecária visa à democratização da cultura, através do exercício de uma nova prática profissional, comprometida com as classes menos privilegiadas da sociedade, de modo que os indivíduos possam manifestar-se nas diversas formas de expressão cultural, artística e literária, como sujeitos da criação cultural. (CABRAL, 1989, p. 39).¹⁴

A ação cultural não é uma ação cosmética de imediato e rápido efeito, mas um investimento com retorno garantido, mesmo sendo em longo prazo e sem ter uma noção dos resultados. A ação cultural nem sempre tem uma etiqueta com preço. O que a faz diferente é o acúmulo de informação que os indivíduos detêm. Essa ação precisa ser participativa, envolvendo a coletividade de maneira ampla com programas extensivos a todos os segmentos da mesma.

A verdadeira ação cultural é também revolução cultural dita por Freire (1982), onde a comunhão do agente cultural é tão íntima com os indivíduos que se tornam um só corpo e estes dois unidos realizam periodicamente auto-avaliações em suas ações, melhorando-as ou sendo flexíveis para mudar de direção.¹⁵

Espera-se que, diante desse contexto, o agente cultural possa se engajar como mediador da cultura e dos indivíduos de uma sociedade, fazendo com que estes atuem de forma a criar instrumentos necessários para se tornarem cidadãos capazes de agir de forma autônoma, consciente e informada.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo 27, define que [...] “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de gozar das artes e de aproveitar-se dos progressos científicos e dos benefícios que deles resultam.”¹⁶

A Constituição Brasileira estabelece, por meio do artigo 215, que O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

A noção de cultura homologada à noção de patrimônio aparece, pela primeira vez, na Constituição Federal de 1988, vigente até então.

¹⁴ CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural**: possibilidade de atuação do bibliotecário. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

¹⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

A Agenda 21 da Cultura (2004) é um documento com vocação mundial, que orienta o estabelecimento das bases de um compromisso das cidades e dos governos locais para estimular o desenvolvimento cultural. E cita a seguinte questão:

Esta 'política cultural' (colocada entre aspas porque efetivamente não se tratará de uma política em sentido amplo, mas de uma forma de gestão da oferta e da procura de atividades artísticas/espetáculos [...] é demasiado restrita (setorialista), deixando de lado questões prementes, tais como: a democracia cultural-cidadania e participação, os direitos culturais, a diversidade cultural e o diálogo intercultural, a economia da criatividade e da cultura, o mapeamento dos sistemas culturais locais, o planejamento estratégico da cultura, a formação dos agentes culturais, a relação com as restantes políticas locais, etc...¹⁷

É certo que o direito esteja garantido por lei para que todos tenham acesso à cultura, no entanto, fica claro que, na realidade, isso não acontece. A pergunta que se faz é: o acesso aos bens culturais não acontece de maneira homogênea para todos os cidadãos por falta de vontade deles mesmos? Caso tenhamos a coragem de responder a esta pergunta, verificaremos que não, visto que os indivíduos, principalmente os das classes menos abastadas da sociedade brasileira, foram privados de terem acesso a esses bens.

Enfim, é preciso recusar a hierarquização das expressões culturais e sua articulação em culturas subalternas e culturas dominantes. É necessária outra visão do processo cultural como um todo [...], recusar a subalternidade da cultura popular, recuperar sua importância fundamental é concebê-la a ocupar um lugar privilegiado de onde se pode pensar e ver criticamente, perspectiva analítica capaz de pensar em profundidade os principais nós e estrangulamentos da história do Brasil e da cultura brasileira em geral. A partir da cultura popular, é possível pensar um outro país, uma ou várias alternativas de Brasil. Isto porque a cultura popular brasileira é um estoque inesgotável de conhecimentos, sabedorias, tecnologias, maneiras de fazer, pensar e ver nossas relações sociais e, nessa exata medida, um lugar em que mais do que simplesmente criticar o modelo genocida e autodestrutivo de desenvolvimento, é possível resistir a ele com outras propostas de sentido do viver e de humanidade. (SILVA, 2008, p. 9).¹⁸

Prova disso poderemos constatar que as bibliotecas, e em consequência os bibliotecários, durante muito tempo deixaram de lado o lugar que deveriam ocupar como promotores, mediadores, agentes de transformação de uma realidade de analfabetismo cultural. Nas décadas de 50, 60 e 70, quando houve uma efervescência dos movimentos sociais no Brasil, principalmente na área urbana com

¹⁷ COMISSÃO DE CULTURA. **Agenda 21 da cultura**. Barcelona, 2004. Disponível em: <<http://www.agenda21culture.net/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

¹⁸ SILVA, René Marc da. (Org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília, DF: SEED/MEC, 2008. 246 p.

a agitação política e cultural, as bibliotecas ficaram inertes a tudo isto como se não fizessem parte deste processo de transformação. Depois da década de 70 é que houve um despertar dos profissionais para desempenharem o importante papel de agentes de transformação.

Analisando a história da ação cultural é possível verificar três momentos distintos e cada um deles teve objetivos específicos e determinados.

Num primeiro momento, houve a instituição, que foi, por exemplo, a época em que se conservavam obras de artes escondidas em museus [...] onde eram exaltadas as obras e não se interessavam pelas pessoas, é só produto cultural e não há nada de ação neste momento. Num segundo momento, durante a pós-segunda guerra mundial, há uma atenção voltada para o homem como autor e não se dando tanto valor à obra criada, e sim ao seu criador.[...] Em um terceiro momento, já nos primórdios dos anos 70, há uma revolução de idéias, que não se conformava com os dirigismos anteriores das décadas de 50 e 60 e se pretende criar idéias libertárias em que o indivíduo será o autor principal com suas concepções da subjetividade [...] De modo geral, esse terceiro momento não teve repercussão no Brasil, mas sim na Europa, isso analisando o momento econômico que se vivia aqui. [...] Esses três momentos foram marcados por duas tendências. A primeira voltada para a obra sem preocupação com o ser humano, no segundo e no terceiro, há uma abertura ao coletivo e ao individual, mostrando que os indivíduos é que são sujeitos da ação. A ação cultural precisa ser transformadora de consciências [...]. (COELHO NETO, 1989, p.35-42).

Sendo assim a ação cultural só terá sentido quando houver a participação dos indivíduos, do contrário será um eterno discurso sem fundamento e não operará mudanças nas consciências e nem no ambiente onde estão inseridos. Esta ação não poderá ser imposta, ou seja, não virá do exterior. Ela partirá do interior da comunidade, dos indivíduos, da sua realidade e operará as mudanças necessárias no decorrer do processo, e interferirá no exterior, na vivência do grupo.

“Um desses equívocos, por exemplo, pode ser o de reduzir a ação transformadora a um ato mecânico [...], como quando alguém, mecanicamente desloca uma cadeira de lugar, ou a substitui por outra.” (FREIRE, 1981, p. 31).

Freire (1981, p. 32) diz que “entende-se então que são manifestações culturais tanto as técnicas dos especialistas quanto o comportamento empírico dos indivíduos.” Assim não se deve subestimar ou colocar em segundo plano a ação criadora dos indivíduos, caso os seus conhecimentos sejam postos de lado aí então se mostrará a ideologia dominante e opressora que não permite as livres expressões.

A cultura do silêncio, gerada nas condições objetivas de uma realidade opressora, não somente condiciona a forma de estar sendo dos indivíduos enquanto se acha vigente a infra-estrutura que a cria, mas continua condicionando-os, por largo tempo, ainda quando sua infra-estrutura tenha sido modificada. (FREIRE, 1981, p. 33).

A ação cultural vertical e paternalista segundo Freire (1981, p. 34) "em lugar de estimular a tomada de decisão dos indivíduos, lhes causam a dependência fazendo-os permanecer na cultura do silêncio."

Freire (1981, p. 178) afirma: "a invasão ou síntese cultural precisa no seu início ser dialógica, ou seja, não pode ser imposta, mas sim uma troca de experiências entre os sujeitos produtores da ação cultural e os especialistas detentores das técnicas."

A ação cultural que se orienta no sentido da síntese tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores, por meio da qual os indivíduos iniciam uma reflexão crítica sobre si mesmos, percebendo-se como estão sendo. (FREIRE, 1981, p. 36).

Em síntese, a verdadeira ação cultural será aquela que se vai construindo junto. É um processo demorado e por que não dizer doloroso. Dizemos doloroso, pois ao entrar em contato com outras realidades que não a sua os sujeitos terão que rever seus conceitos para não fazerem julgamentos antecipadamente. Deverão estar abertos ao diálogo constante.

4 O AGENTE CULTURAL

O agente cultural é a pessoa (agente cultural público ou agente cultural comunitário) que tem estreita relação com as práticas culturais na comunidade. É aquele que está em meio ao processo que vai desde a idéia de criação da obra até que esta chega ao seu termo que o consumidor final. O agente cultural não pode ser considerado somente como um administrador que incentiva atividades culturais, exige-se deste profissional que ele seja sensível para a questão sócio-cultural, tornando-se um elo entre o poder público e as comunidades. Será ele então considerado o gestor da cultura da cidade, promovendo a capacidade criadora e formando os produtores culturais.

Ramos (2008, p. 48) enfatiza que: “os agentes culturais atuam como mobilizadores e como mediadores entre os grupos sociais, promovendo o acesso aos bens culturais, a criação de bens simbólicos e o resgate da identidade cultural.”

Segundo Flusser (1983, p. 159) “o animador cultural [...] tem por função o se engajar na ativação desses encontros fora do sistema; ele deve propiciar a eclosão da criatividade e da criação, para que assim o homem - indivíduo passe a ser homem – cidadão.”

Diante do exposto sobre a ação cultural propõe-se que o agente cultural precisa conhecer a realidade na qual ele está inserido, o sistema de forças que irá enfrentar a população com a qual se vai trabalhar, verificar o que pode ser feito na conjuntura atual e escolher o melhor caminho para percorrer para que o processo iniciado não fique perdido no seu decorrer, visto que nem sempre poderá fazer o que se tem vontade de fazer, mas sim o que deve ser feito.

Sendo assim:

O responsável pela ação cultural precisa primeiro, saber como fazer para que pessoas atuem criativamente em grupo [...] essa pessoa deverá ter uma noção do que está em jogo socialmente, antropologicamente, quando se intervém culturalmente num grupo, numa comunidade [...] deve saber o que as pessoas em princípio procuram quando fazem teatro ou dançam como se organizam uma linguagem artística ou como se dá a abordagem do mundo através de um código artístico [...]. Essa pessoa não precisa necessariamente dominar uma técnica particular (direção teatral, pintura, cinema, culinária), mas deve pelo menos conhecer os pressupostos teóricos

de uma dessas linguagens. (COELHO NETO, 1986, p. 115 *apud* CABRAL, 1998, p. 43).¹⁹

O agente cultural bibliotecário é um profissional que está envolto em uma realidade de mundo, consciente dos desafios e perspectivas que se posicionam a favor ou contra a sua ação. Está consciente também de que esta ação não é isolada, ou seja, não é realizada individualmente, ela precisa estar ligada aos homens e mulheres de toda uma sociedade que juntamente com esse profissional se tornam agentes transformadores do meio em que vivem tornando-se assim sujeitos da mudança e não meros expectadores.

Também o agente cultural precisa conhecer o momento histórico dos indivíduos com os quais ele vai interagir, realizando ações possíveis hoje para viabilizar o impossível de amanhã, juntamente com eles ir descobrindo mecanismos para uma consciência de ação cultural crítica, fazer com que a ação cultural se torne também revolução cultural.

Segundo Freire (1981, p. 80) “a revolução cultural é um processo crítico, que demanda aquela constante comunhão entre a liderança e as massas populares.” Essa ação deve ser constantemente avaliada pelo agente cultural conjuntamente com os indivíduos que o acompanha como uma forma de reflexão crítica, para que o processo não seja perdido por falta de mudanças necessárias.

Essa união do fazer bibliotecário como agente cultural e os indivíduos da sociedade que produzem a ação cultural irá operar uma transformação interior, fazendo com que seja ativada a consciência real, crítica e transformadora, saindo da ação cultural imposta e opressora e partindo para uma prática desalienada, onde todos são sujeitos da ação operando mudanças necessárias no meio onde estão inseridos.

Como já foi dito neste trabalho, a fabricação cultural nas sociedades massifica os indivíduos, fazendo com que pensem e ajam de acordo com as prescrições que recebem diariamente dos chamados meios de comunicação, os quais insistem em dizer que tudo é cultura. Nessas sociedades, em que tudo ou quase tudo é pré-fabricado e o comportamento é quase automatizado, as pessoas ficam perdidas, visto que não precisam se arriscar, são sempre conduzidas por manuais de instrução não pensam os problemas, muitas vezes são resolvidos com

¹⁹ COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124 p. (Educação e comunicação, v.16).

um clicar de um botão ou tomar um medicamento e continuar alienadas. Diante dessa situação é que entra o papel do agente cultural bibliotecário que, juntamente com os indivíduos, irá promover uma ação cultural para a libertação, tornando-se assim sujeitos da transformação da realidade.

Segundo Rabello (1987 *apud* CABRAL, 1999, p.41) “a biblioteca pública se ligou ideologicamente, aos que tradicionalmente detinham o poder econômico e constituíam a minoria de nossa população, opondo-se aos novos tempos de igualdade e democracia.”²⁰

Desta maneira, foi preciso repensar o papel do bibliotecário redefinindo sua atuação, levando-o a ter uma consciência mais clara de ser uma ponte entre o desenvolvimento da criatividade dos indivíduos e os centros culturais, bibliotecas, museus, casas de cultura, fazendo com que estes últimos se tornassem espaços para a mente crítica e criadora e não mais locais de aprisionamento de conhecimento para desfrute das elites.

Não se deve permitir que o conhecimento e o processo de criação se restrinjam aos espaços das paredes destes locais, mas levá-los aos espaços públicos, tais como praças, centros comunitários, ruas, esquinas, pontos de ônibus, ou seja, em todos os lugares onde houver gente que se identifique com a cultura local, tomando o cuidado de não direcionar, mas deixar a criação livre, onde a expressão seja a realidade vivida pela comunidade local.

Freire (1981, p. 65) enfatiza:

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e com o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específico e exclusivamente humano. É como seres conscientes que homens e mulheres estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio da linguagem criadora. E é enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres com o mundo. Sem esta objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo.

²⁰ RABELLO, O. C. P. Da biblioteca pública à biblioteca popular. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.19-42, mar.1987.

O bibliotecário como agente cultural deverá juntamente com a sociedade criar os espaços para o desenvolvimento da ação cultural onde não haja passividade de atender à demanda rotineira de rotineiros cidadãos, onde não haja a simples oferta dos produtos diversos da inteligência humana, identificados como “cultura”, mas nestes espaços devem ser criadas situações permanentes de debates, de busca de novas formas de expressão e reflexão. A provocação, o estímulo deve ser freqüente e lactante em cada indivíduo.

Este profissional deve optar então pela liberdade de expressão do grupo com o qual estará trabalhando e desenvolvendo as ações culturais, não prescrevendo a maneira de agir, não sendo manipulador, mas de maneira organizada promover juntamente com estes os meios eficazes, para que haja uma produção cultural longe do espontâneo, porém que cause transformações visíveis e reais. O bibliotecário como agente cultural precisa ser sabedor que todo empenho para uma transformação radical de uma sociedade em geral necessitará de no mínimo uma organização que passará por ele e pelos indivíduos que estão com ele sendo que esta organização será consciente e lúcida, ou seja, será realizada com os pés no chão sem retirar os olhos da meta a ser alcançada.

Será também o papel deste fazer com que a realidade da sociedade contemporânea seja passível de transformação e esta é feita de homens e por eles mesmos pode ser mudada. Percebe que há vários caminhos a serem trilhados, no entanto muitas das vezes não o encontrará pronto como uma passagem já percorrida por muitos, não, por certo encontrará esta trilha ainda a ser feita, e assim ele, juntamente com os indivíduos que com ele estão a caminhar lançarão mão dos meios aos quais possuem para que este caminho seja aberto.

Assim é necessário que uma visão distorcida e infantil da realidade vá abrindo espaços para uma atuação capaz de perceber que é possível afastar-se do fatalismo de que a situação sempre foi assim e continuará e passar para uma visão crítica de que algo possa ser feito despontando no interior de cada ser um sinal de esperança e esta será a que levará a tomar a direção da mudança concreta e radical.

O bibliotecário exercendo o papel de agente cultural, é por excelência um ser dialógico, é aquele que empregará em sua ação os pronomes “eu, tu, nós, vós e eles”. Sem esta clareza do diálogo corre-se o risco de se tornar um ditador de normas.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples trocas de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua. (FREIRE, 1981, p. 93).

Assim o bibliotecário como agente cultural é um ser humilde, pois a auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Caso ele se coloque em um pedestal acima dos indivíduos com os quais irá se relacionar ficará impossível esta aproximação visto que eles não se tornarão seus iguais na pronúncia. Freire (1981, p. 95) enfatiza: “se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda caminhar muito para chegar ao lugar do encontro com eles.”

E ainda mais neste encontro não haverá mais inteligente, capacitados e menos inteligentes, incapacitados, e sim uma harmoniosa comunhão de pensamentos e aí sim poderá ser alcançado algum resultado no objetivo proposto.

4.1 Características do Agente Cultural

Entre as principais características do agente cultural como aquele que é o elo entre os produtores culturais e o poder público encontramos:

- Seu trabalho deve impulsionar as potencialidades econômicas, sociais e turísticas na cidade;
- Deve promover o entendimento cultural entre os diversos segmentos sociais da comunidade levando-os à compreensão dos processos;
- Deve ser um articulador dos processos culturais junto ao poder público;
- Ser um gestor com capacidade inventiva e formadora de mentes críticas;
- Ter sensibilidade voltada para o sócio-cultural;

- Entender que os homens não são seres vazios e por isso é preciso enchê-los de conteúdos;
- Não possuir uma mente mecanizada, mas sim humana;
- É então a pessoa, o grupo de pessoas, a associação ou entidade capazes de produzir, estimular ou promover cultura. Caberá ao agente cultural, ser o estimulador e mediador da cultura, preparar condições para atuação dos sujeitos culturais;
- O papel do agente cultural estende-se para além da simples realização de atividades. Ele deve ser antes de qualquer coisa, um dinamizador das potencialidades culturais da comunidade onde atua;
- Ser alguém que está ligado as artes e que realiza a administração destas ajudando os produtores a expressá-las.
- Deverá respeitar os produtores da ação cultural, levando em consideração as maneiras particulares de expressão de cada um.

4.2 O Agente Cultural Bibliotecário e sua Função

A função do bibliotecário como agente cultural deve passar pela sua formação profissional. Ele deve ser formado para trabalhar com a questão da política cultural onde irá atuar sua formação humanística dentro da cultura e da sociologia entendendo a vastidão que este assunto abrange e sabendo que os indivíduos com os quais estará envolvido terão características, às vezes, semelhantes e por vezes não.

Também terá a função de promover um intenso diálogo entre as várias maneiras de expressão da ação cultural interna e externa à comunidade na qual está inserido. Sua função não é de criar nada, mas sim de criar espaços e propiciar terreno fértil para as mentes criadoras poderem desenvolver-se sem opressão.

Este talvez seja o primeiro grande desafio e a primeira grande decepção para o agente cultural brasileiro: reconhecer que na ação cultural seu objetivo não é de criar diretamente, mas apenas criar as condições para que

outros o façam. Daqui vem parte daquela sensação de culpa: se vir a si mesmo como um artista, um criador, tenderá a dirigir os outros; se pelo contrário, nada fizer, tenderá a achar que deveria fazer. E coloca-se num impasse. (COELHO NETO, 1989, p. 65-66).

O bibliotecário como agente cultural não é o artista em si, mas também o poderá ser. A exigência é que não se tenha receio do novo, daquilo que não é o cotidiano, deverá buscar aprofundar em questões que pareçam complexas, mas que, no entanto fazem parte do processo de atuação dele e dos indivíduos envolvidos na ação cultural libertadora. Não sendo um artista em si, o agente cultural não ficará “a ver navios”, pelo contrário é ele que estará fazendo esta ligação das diversas modalidades de expressões artísticas. Será como que um ímã a atrair o artista, a arte, as fontes financiadoras da cultura, viabilizar os recursos econômicos.

Isto significa que através do agente cultural a arte se porá em contato com o indivíduo ou a comunidade tanto quanto o artista penetrará na comunidade (e o inverso, de modo particular) assim como a comunidade alcançará os recursos necessários para uma certa prática cultural. (COELHO NETO, 1989, p. 67).

A função do bibliotecário como agente cultural então está ligada ao servir os indivíduos da comunidade na qual ele está inserido, terá ele como missão despertá-los para a tomada da consciência crítica sobre si mesmos e sobre o mundo. Também terá a função de ajudar com que seja retirada a visão utópica e se estabeleça um diálogo verdadeiramente autêntico entre as diversas manifestações culturais existentes no seio da sociedade. Deverá apontar caminhos os mais variados possíveis e não obrigar a ninguém seguir por este ou aquele, mas deixar a livre escolha de cada um. Ele será aquele a quem os produtores da ação cultural recorrerão sempre para que possam receber orientações.

Ele serve ao indivíduo, sensibilizando-o para a criação e dando-lhe as armas para repelir a dominação cultural (quando o objetivo dele e desse indivíduo é apenas criar condições para um desenvolvimento genérico da individualidade) ou abrindo-lhe as possibilidades para tornar-se um artista ele mesmo, objetivo extremado da ação cultural, mas não impertinente. Ou ele serve o coletivo seja entendido como comunidade [...]. E serve o agente cultural, ainda, ao artista, não apenas criando-lhe um público, mas ocasionalmente dando-lhe condições de se aproximar de uma comunidade, entender-lhe as aspirações e criar em consequência, permitindo que o artista se abra um espaço nesta coletividade – se este for o objetivo do artista. (COELHO NETO, 1989, p. 68).

Torna-se visível então que o bibliotecário como agente cultural é um ser de diversas nuances. Ele poderá desempenhar funções variadas e ainda mais, não trabalhará sozinho, será acompanhado por outras pessoas das mais variadas áreas do saber. Não pode pretender ser ele o detentor de todo o conhecimento mesmo dentro do campo cultural. Por isso precisará trabalhar com a interdisciplinaridade, gerando assim produtos e serviços culturais que cheguem ao alcance de todos sem distinção.

5 CONCLUSÃO

O campo de atuação do profissional bibliotecário como agente cultural é vasto e diversificado, visando a uma participação efetiva na promoção da ação cultural onde ele levará os sujeitos promotores da ação cultural a uma atitude que passará de meros consumidores de produções culturais e passarão a ser eles próprios seus produtores. Neste trabalho procurou-se destacar o campo da ação cultural como um espaço rico e especial onde o bibliotecário como agente cultural e os sujeitos produtores da ação cultural unidos irão operar transformações significantes na sociedade em que estão inseridos.

Na revisão de literatura a qual foi objeto deste trabalho notou-se que os autores consultados trabalharam o tema cultura em um primeiro momento, depois passaram a abordar a ação cultural, e posteriormente buscou-se analisar a questão do sujeito agente cultural. Nem todos os autores tratam o agente cultural como bibliotecário visto que este campo de atuação para este profissional foi recentemente descoberto.

Com base nos estudos realizados nota-se que o bibliotecário como agente cultural deverá refletir sobre o campo onde irá atuar, para que saiba quais os desafios que serão enfrentados, sabendo que sua atuação será um fator de extrema importância, porém não será ele o mais importante neste processo, pois ele somente terá o papel de preparar os meios para que os atores e produtores da ação cultural atuem eficazmente e com qualidade. O bibliotecário terá o papel de tornar a cultura um bem social, ou seja, fazer com que esta se torne democratizada. Para tanto, é necessário preparar as pessoas para que sejam autônomas. Com o aumento da autonomia dos indivíduos, vem a emancipação. Por princípio, é necessário adquirir consciência da realidade. O próximo passo é desenvolver uma consciência crítica. Isto é não deixar se envolver pela empolgação e nem pretender viver na utopia de que tudo será fácil.

O profissional bibliotecário, como agente cultural dentro da sociedade contemporânea, será sim um elo entre os produtores dos bens culturais e a própria ação cultural, porque ele detém as técnicas para isto. Então, sendo assim a sociedade não pode descartá-lo, pois se o fizer corre-se o risco de não haver quem

os auxiliem na abertura de espaços, para que possam expressar suas manifestações culturais e serem eles mesmos autônomos.

O profissional bibliotecário que deseje desempenhar este papel de agente cultural deverá ter claro que a tarefa será árdua, no entanto realizadora, pois estará operando uma grande obra na vida dos indivíduos e na sociedade como um todo, visto que os meios de comunicação de massa não têm permitido esta consciência crítica e nem proporcionado espaço, para que as mentes criadoras possam se desenvolver.

Procurou-se enfatizar o tema ação cultural com ênfase na atuação do bibliotecário como agente cultural na sociedade contemporânea, no entanto o tema não se esgota aqui, outros estudos poderão e deverão ser elaborados para que se tenham mais subsídios e obras relacionadas com o tema em questão, e desta maneira cresça mais e mais a atuação deste profissional, visto que esta profissão é uma das mais antigas do mundo. Outros autores que não foram mencionados neste trabalho deverão ser consultados, porque tendo aberto este espaço de atuação com certeza a classe bibliotecária necessitará de mais escritos relevantes de onde retirarão experiências ricas e inovadoras para um fazer mais dinâmico e atual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 14, p. 31-38, jan./dez. 1987.

ARAGÃO, Esmeralda. **A biblioteca pública como instrumento de ação cultural: um estudo de caso sobre a experiência de extensão na biblioteca "Ernesto Simões Filho"**, Cachoeira-BA. 1998. 178 f. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 1988.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural: possibilidade de atuação do bibliotecário**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1996. 440 p.

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94 p. (Coleção Primeiros Passos, v. 216).

COMISSÃO DE CULTURA. **Agenda 21 da cultura**. Barcelona, 2004. Disponível em: <<http://www.agenda21culture.net/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

DABUL, Lígia. Museus de grandes novidades: centros culturais e seu público. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 257-278, jan./jun. 2008.

FALCOSKI, Jane Maria; MANCUSO, Inês Rauter. Para uma metodologia de ação cultural: a construção de um espaço cultural na universidade e na cidade. In: SEMPE- Seminário de Metodologia para Projetos de Extensão, 2001, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFUSCAR, 2001. p.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

_____. O bibliotecário animador: considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 230-236, set. 1982.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 5, p. 59-86.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LIMA, Mônica Tavares Pereira. A democratização do acesso à informação cultural por meio da tecnologia. **Reeleitura**, Belo Horizonte, n. 23, p. 66, nov. 2008.

MIGUELES, Carmem Pires. Responsabilidade cultural e governança social: desafios para o amadurecimento democrático no Brasil. **Governança Social**, Belo Horizonte, ano 1, n. 3, p. 24, ago/nov. 2008.

MILANESI, Luiz Augusto. **A casa da invenção**: centro de cultura. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

RAMOS, Luciene Borges. **Centros de cultura, espaços de informação**: um estudo sobre a ação do galpão cine horto. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

RIBEIRO, Andréia; CUNHA, Vanda Angélica da. Ação Cultural e biblioteca pública, novos caminhos para a educação e o desenvolvimento humano. In: CONGRESSO BRASILEIRO E DOCUMENTAÇÃO, 1991, Salvador-BA. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991.

SANTAELA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, René Marc da (Org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. Brasília, DF: SEED/MEC, 2008. 246 p.

BIBLIOGRAFIAS

COELHO NETO, José Teixeira. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124 p. (Educação e comunicação, v.16).

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (Org.). **Media and cultural regulation**. Inglaterra, Open University, 1997, cap. 5. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 10 out. 2009.

RABELLO, O. C. P. Da biblioteca pública à biblioteca popular. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.19-42, mar.1987.

TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres: John Mursay & Co, 1997.